



## Textos selecionados para o momento de Sustentáculo Doutrinário da Reforma Íntima dos Jovens

Aula	Texto	Autor
<b>01 – Aula Inaugural</b>	Conhece-te a ti mesmo	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>02 – Planejando o seu futuro</b>	O Boneco	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>03</b>	A Traça	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>04</b>	O Relógio	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>05</b>	A Ociosidade	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>06</b>	A Vaidade	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>07</b>	A Justiça	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>08 – Reavaliação da Reforma Íntima</b>	O Minuto	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>09</b>	O penteado	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>10</b>	A Panela	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>11</b>	A Tábua	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>12</b>	Respeitar os Outros	Scheilla, Chão de Rosas
<b>13</b>	As Mudinhas	Wallace Leal V. Rodrigues
<b>14 – Aula de encerramento Avaliação final</b>	Começar a luta	Scheilla, Chão de Rosas



## 02- O Boneco

Um dia vovó comentou que os doces - feitos por ela e minha mãe, naquela manhã,- haviam desaparecido do armário. E não sabia o que tinha sido feito deles.

Embora nenhuma das duas aparecesse de qualquer forma preocupada com a ocorrência, eu imediatamente disse:

- Foram roubados.

Elas me olharam surpreendida, mais foi a vovó quem estabeleceu conversaço comigo.

-Você tem certeza? Ela perguntou.

-Tenho! Sustentei. E foi o Pedrinho.

Pedrinho era um dos meus irmãos. Vovóinsistiu:

-Você tem certeza?

-Se tenho! Foi o Carlucho que me contou.

- Minha filha, disse ela tranquila, passando o seu braço pelo meu, venha até o meu quarto. Quero lhe mostrar uma coisa.

No quarto ela abriu a gaveta de uma cômoda e tirou de lá um boneco que eu nunca tinha visto.

-Eu não estava entendendo. Aquilo nada tinha haver com o caso dos doces. Ela prosseguiu:

- Vá dizendo o que mais lhe chama a atenção neste boneco.

- Tem uma bonita roupa, uma camisa linda! Respondi ao observar os punhos, o peitinho e o colarinho impecáveis.

Assim que terminei de falar, minha avó tirou o paletó do boneco. Caí na gargalhada quando vi que, da impecável camisa, só havia: os punhos, os peitinhos e o colarinho.

Mas, de súbito, compreendendo, me tornei muito séria.

E vovó abraçando-me a sorrir, disse concluindo:

- Veja você como são as coisas.A gente só pode crê naquilo que vê. E do que se



vê, muitas vezes, é preciso acreditar apenas na metade. Você percebeu porque?

Já se passaram muitos anos. Mas, sempre que sou levada, por certa inflexão, - tão comum nos seres humanos, - a julgar fatos ou pessoas pelas aparências, vem-me à lembrança a impecável camisa daquele boneco da vovó...

*“Se desejas teu caminho repleto de paz e luz, traze o amor de teu filhinho ao santo amor de Jesus”.*

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 14-16).



### 03- A traça

Meu pai era um homem frugal e bom. Ensinou-me, desde muito cedo, a entreter-me com as coisas aparentemente simples.

Uns dos meus passatempos de criança, era colecionar casulos de traças e assistir, na primavera, à emergência das borboletas, espetáculo, - para mim, - de arrebatadora beleza. A luta delas para escapar do cárcere, despertava, sempre minha compaixão.

E um dia, com uma tesoura muito fina, papai veio e cortou a parede sedosa do casulo, ajudando o bichinho a se soltar.

A borboleta, daí a um instante, estava morta.

Era como se o trabalho fosse necessário à garantia de sua vida.

- filho, disse papai, o esforço com que esta traça procura libertar-se do casulo, ajuda-a a segregar os venenos do corpo. Se o veneno não for expulso, o bichinho morrerá. O mesmo ocorre com agente: quando uma pessoa luta por aquilo que deseja, torna-se melhor e mais forte. Mas, quando as coisas se realizam sem esforços, tornamo-nos fracos, pusilânimes, sem personalidade. E parece que uma coisa morre dentro de nós.

Sei, hoje, que fui mais capaz de sustentar-me na adversidade, graças a lição tão profunda e tão viva que meu pai soube dar-me naquele dia.

E tudo se deve a uma pequenina traça morta...

*“Não deixes teu pequenino caprichoso ou desatento. Menino mal educado é demônio em crescimento”. Casimiro cunha*

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 61-62).



## 04 - O Relógio

O colégio onde eu estudava, em menina, costumava encerrar o ano letivo com espetáculo teatral. Eu adorava aquilo, porém nunca fora convidada para participar, o que me trazia uma secreta mágoa.

Quando fiz onze anos avisaram-me que, finalmente, ia ter um papel para representar. Fiquei felicíssima, mas esse estado de espírito durou pouco: escolheram uma colega minha para o desempenho principal. A mim coube uma ponta, de pouca importância.

Minha decepção foi imensa. Voltei para casa em pranto. Mamãe quis saber o que se passava e ouviu toda a minha história, entre lágrimas e soluços. Sem nada dizer ela foi buscar o bonito relógio de bolso de papai e colocou em minha mão dizendo:

- O que você está vendo?
- Um relógio de ouro, com mostrador e ponteiros.

Em seguida, mamãe abriu a parte traseira do relógio e repetiu a pergunta:

- E agora o que você está vendo?
- Ora mamãe, ai dentro parece haver centenas de rodinhas e parafusos.

Mamãe me surpreendia, pois aquilo nada tinha a ver com o motivo do meu aborrecimento. Entretanto, calmamente ela prosseguiu:

- Este relógio, tão necessário ao seu pai e tão bonito, seria absolutamente inútil se nele faltasse qualquer parte, mesmo a mais insignificante das rodinhas ou menor dos parafusos.

Nós nos Entre fitamos e, no seu olhar calmo e amoroso, eu compreendi sem que ela precisasse dizer mais nada.

Essa pequena lição tem - me ajudado muito a ser mais feliz na vida. Aprendi, com a máquina daquele relógio, quão essenciais são mesmo os deveres mais ingratos e difíceis, que nos cabem a todos. Não importa que sejamos o mais íntimo parafuso ou a mais ignorada rodinha, desde que o trabalho, em conjunto, seja para o bem de todos.

E percebi também que, se o esforço tiver êxito, o que menos importa são os aplausos exteriores. O que vale mesmo é a paz de espírito do dever cumprido...



**Mocidade Espírita**  
**[www.ocentroespirita.com](http://www.ocentroespirita.com)**

**6**

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 19-20).



## 05 - A ociosidade

Quando pequenos, meu irmão e eu éramos vadios e preguiçosos. Todo pretexto nos servia para faltarmos como os nossos deveres, cabular as aulas e ficar vagabundando pelos pomares, campos ou quarteirões da cidade onde vivíamos.

Evidentemente nossos pais se aborreciam com aquilo, mas, em lugar de nos castigar ou partir para uma agressão física, esperavam o momento certo para nos advertir mais seriamente, sem saírem do tratamento amorável e paciente que nos dispensavam.

Esse momento chegou quando, em certo dia, depois do almoço, nos preparávamos para mais uma vadiagem. Nossa mãe não se dirigiu a mim, mas a meu irmão. Desconfiado e expectante, fiquei a esperar pelo que se ia dar. Em seu tom de voz habitual e como que ocasionalmente, ela disse:

- Meu filho será que você poderia me fazer um favor!
- Pois não, mamãe!

Eu percebi que meu irmão também não estava seguro do que se ia dar. Mamãe prosseguiu:

- Eu gostaria que você fosse até aquele terreno baldio e viesse me contar o que existe ali.

O terreno ficava quase em frente à nossa casa e nós o conhecíamos muito bem, pois servia aos nossos constantes lazeres. Entretanto, mesmo assim ele atendeu e, poucos minutos depois ele voltava.

- Mamãe, ali só existe lixo e porcaria. Metais enferrujados, papéis, vidros quebrados, arames, garrafas. Nada que se aproveite.

Como se não tivesse ouvido a última observação, mamãe perguntou:

- Mas, não haverá uma serventia para aquelas coisas?
- Ah! Mamãe, está claro que não.

Voltando-se para mim ela pediu:

- Agora você, meu filho. Vá até o portão do jardim e venha me contar o que existe nos outros terrenos.

Aquilo também era claro, mas, como meu irmão, obedeci. E voltei logo, dizendo:



- Nos outros terrenos há casas, pomares e jardins.

- Que coisa! Disse mamãe pensativa. Porque será que se acumularam tantas coisas inúteis no terreno baldio?

Eu e meu irmão, triunfantes respondemos quase que ao mesmo tempo:

- Ora, mamãe, porque ele está vazio.

-Pobre terreno! Exclamou mamãe. Não sendo aproveitado para nada, transformou-se em depósito de lixo. Isso dá o que pensar, pois é como os dias de nossa vida. Se não soubermos aproveitá-los, vão-se enchendo de coisas inúteis. Uma vida ociosa é como um terreno baldio: recolhe tudo que é ruim e imprestável. É por isso que, na vida do homem trabalhador, que sabe encher bem os seus dias, não há lugar para os vícios, maldades, e enganos de qualquer espécie.

Mamãe não tinha terminado ainda de dizer e meu irmão e eu já nos entreolhávamos rubros de vergonha.

É excusado dizer que modificamos. E, ao longo dos anos, em diversas circunstâncias da vida, quando se nos apresenta qualquer ociosidade, nos lembramos daquele terreno vazio, cheio de papéis velhos, cacos de vidros e lixo. Tudo inaproveitável.

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 33-35).



## 06- A vaidade

Quando minha irmã e eu tínhamos cerca de sete e nove anos, respectivamente, alcançamos as notas mais altas de nossa classe, na escola. Assim, decidimos que, matéria de “cérebro”, nossa família estava muito acima da média. E não perdemos tempo para fazer os nossos companheiros de brinquedos ciente disso.

De certa feita, ao ouvir nossas jactâncias, papai chamou-nos.

Ele havia enchido uma bola de assopro até o tamanho de uma cabeça humana. E, muito sério, disse-nos:-

- Este aqui é o João.

Então começou a nos contar-nos a história da vida João, a qual veio a ser uma sucessão de feitos extraordinário.

E, cada vez que João fazia uma coisa magnífica, nosso pai soprava um pouco mais de ar dentro do balão.

Como a história progredia, João ia crescendo a tais proporções, que minha irmã e eu fomos, de pouco em pouco, recuando dele, pressentindo o estouro.

De repente, bem no ponto em que parecia não suportar mais nada, a história terminou.

- Não é muito divertido está muito perto do João, não é verdade? Perguntou papai. Está tão cheio de si e tem uma cabeça tão grande... Isso é que é ter cérebro, vocês não acham? Mudando um pouco de assunto, por que os seus companheiros de brinquedos não tem aparecido mais?

- Não sabemos! Foi a nossa resposta.

- Da mesma maneira que vocês se afastaram do João, os seus amigos se afastaram de vocês. Vocês estavam tão orgulhosos e tinha uma cabeça tão grande que eles temeram o momento do estouro, o que seria de sobremaneira desagradável...

E, até hoje, quando fazemos alguma coisa particularmente envaidecedora, a lembrança do João nos preserva de ficarmos com a “cabeça grande” e nos consideramos os “cérebros”.

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 50-52).



## 07- A justiça

Quando criança, eu tinha a mania de me sentir injustiçado, por um ou outro motivo, não me tinha feito justiça, sem perceber que para mim, a “injustiça” era sempre qualquer restrição feita aos meus desejos, fantasia e vontades.

E invariavelmente arrebentava em lágrimas de protesto.

Um dia papai me chamou e disse:

- Meu filho, vamos combinar uma coisa. Você sabe que o papai não gosta de ver você triste, não é? Então nós vamos fazer o seguinte: Cada vez que você chorar, escreva num papel a causa. Coloque o papel no vaso azul, ali, sobre a escrevinha. Deixe passar alguns e leia – o. se achar que o assunto ainda o está aborrecendo, venha a mim, conte-me o caso e eu lhe prometo que corrigirei a injustiça que tiveram feito contra você. Combinado?

Estava combinado. Nos primeiros dias eu enchi o vaso azul de anotações. Passadas no preto no branco, minhas queixas me pareciam perfeitamente justificadas.

Passaram-se outros dias o meu pai voltou a falar comigo.

Comecei. Mas entranhadamente, constatei que minhas queixas eram banais e que, na realidade, não havia naquilo nada que pudesse motivar aborrecimento.

Abreviei o espaço dos dias e, depois, passei a examinar os papéis horas depois dos acontecimentos.

Verifiquei que não tinha nenhuma injustiça a exigir a reclamação de papai. E parei de chorar várias vezes ao dia, como estava acostumado a fazer.

Hoje compreendo que tudo foi uma brincadeira de papai. Todavia, com grande habilidade ele me levou a refletir antes de reagir. E desenvolveu em mim a compreensão e respeito do que é justiça e injustiça em face do nosso egocentrismo, exigência de privilégios e pretensões descabidas.

Com isso o meu espírito de tolerância ganhou uma amplitude que tem beneficiado ao longo de todas a vida...

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 59-60).





## 08- O Minuto

Nos meus tempos de menino, naquela idade em que balas e bombons povoam nossos sonhos, eu levava longos minutos a me decidir pelas balas que queria comprar.

E uma vez compradas, mais ainda custava a resolver se as devia chupar logo ou guarda-las para mais tarde.

Ora, um dia, vovô, que frequentemente me acompanhava nessas romagens pelo mundo das confeitarias, tirou o relógio do bolso e me disse: com compreensão firme, porém sem nenhuma rispidez ou severidade:

Vamos combinar uma coisa. Daqui para diante, quando você vier comprar bala, vai ter de tomar a sua decisão antes que este ponteiro grande, que marca os minutos, saindo de uma marca, chegue à seguinte. Estamos combinados?

Antes que eu concordasse, com muita paciência ele explicou-me que a vida não é, afinal de contas, senão uma série contínua de escolhas. E explicou:

- É preciso tomar decisões prontas, mais, veja bem! – sempre firme entendimento de que não vamos, depois, nos arrepender, caso a decisão redunde em mal para nós.

De começo, aqueles primeiros 59 segundos do minuto corriam antes que eu pudesse, ao menos, respirar fundo e tomar a minha decisão.

O jogo durou alguns anos. E, depois de certo tempo, o meu processo mental já era tão rápido, que eu passei a tomar decisões acertadas com progressiva facilidade.

De valor não menor para mim, foi a energia adquiri, - em cada caso, - ao ter consciência de que, depois de lançado o dado, nunca poderá haver arrependimento...

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 54 e 55).



## 09- O Penteado

- Por que há – de você perder seu bom humor, torcendo seu cabelo nessa barafunda? Pergunto meu pai quando me encontrou chorando de raiva porque eu era muito menina e não tinha habilidade necessária para fazer o penteado em moda nos meus tempos de colégio.

- É a moda! Lamentei-me. Só o meu nunca fica direito!

Olhando gravemente, papai sugeriu:

- Divida o cabelo ao meio, penteie – o para trás e amarre – o com uma fita.

Atendi –o, embora desajeitadamente. Ele acrescentou:

- Agora use- o assim, durante uma semana, e, se metade das meninas de sua classe não copiarem você, dou –lhe cem cruzeiros.

Pensei comigo que ele era incrivelmente ingênuo. Cem cruzeiros, entretanto, eram um afortuna o que não podia resistir.

Tivesse eu chegado à escola com a camisola de dormir, minha agonia não teria sido maior. Mas, quando a semana acabou, quase todas as meninas de minha classe estavam usando o cabelo separado pelo meio, atado atrás com uma fita!

Quando narrei o sucedido o meu pai, ele comentou:

- Nunca tenha medo de uma ideia própria e, se ela for certa, siga para diante, sem importar com o que faça toda a gente.

E, embora tivesse ganho a aposta, deu-me os cem cruzeiro.

Papai nunca poderia imaginar o quanto essa lição, tão simples reforçou a minha personalidade e auxiliou –me, principalmente em situações em que, como sempre acontece, a pressão dos grupos ameaça anular – nos e nos converter em simples robôs.

*“Dar a infância mais conforto e mais lições, é dever; vegetal que cresce torto vive torto até morrer.” João de Deus.*

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 37 e 38).



## 10- A Panela

A velha empregada de minha família era uma preta.

Chico, neto dela, - como é costume acontecer quando não temos irmãos, - era o meu companheiro constante de brincadeiras e folguedos.

Em tudo quando fazíamos, a parte de Chico era sempre a mais pesada, secundária e passiva.

Ele tinha sempre que dar, e nunca, que receber.

Um dia corri para casa, à saída da escola porque Chico e eu tínhamos projetado construir uma vala que fosse do poço à lavanderia.

Sem darmos por isso, cada um de nós assumiu logo seu papel, - como de costume.

Chico era o “condenado” a trabalhos forçados, suando e repetindo esforços. E eu o implacável guarda, implacável guarda, com uma vara na mão!

A maneira com eu estava maltratando aquele menino negro, era quase digna de um adulto imbuído de preconceito de cor.

Foi quando a preta velha chamou-nos:

- Crianças, venham por a minha panela no fogão!

Corremos para a cozinha. A panela estava no chão e nós a agarramos com ambas as mãos. Mas com um grito a largamos, perplexos de que ela nos tivesse mandado pegar uma coisa que, - era evidente que sabia, - estava extremamente quente.

Em seguida, em graves e brandas palavras, tão nítidas e simples que até hoje as posso escutar, partindo do fundo do tempo, disse-nos assim:

- Ora! Vocês dois se queimaram. Que coisa mais engraçada! A cor da pele de vocês é tão diferente, mais a dor que estão sentindo é igual para ambos, não é verdade?

Concordamos que sim.

E nunca mais pude me esquecer desse episódio que sem dúvida alguma, fez de mim uma pessoa diferente.

*“A terra é nossa grande casa de ensino. Conservar a criança sem educação dentro dela, é tão perigoso quanto abrir uma escola para a consagração da indisciplina.”(Aura Celeste). (Wallace*



Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 52 e 53).

## 11- A Tábua

Quando menino eu era traquinas, e rabugento, respondia a tudo que me dissessem e não contribuía absolutamente para que nossa casa fosse um paraíso. Muito pelo contrário!

Meus pais me aconselhavam com paciência infinita e com muito amor sem que eu, entretanto, seguisse os seus conselhos.

Um dia papai me chamou para conversarmos. Eu tinha feito diabruras de espécie e pensei que ele tinha perdido a paciência e ia, ou dar-me uma surra, ou um castigo e uma repreensão.

Ele, todavia, não fez nada disso. Não parecia aborrecido e simplesmente me disse:

- Filho, eu percebo que você não tem ideia do que é a tua conduta. Mas pensei em algo que poderámostrá-lo muito. Venha comigo.

Levou-me à sua improvisada oficina de trabalho. Lá dentro falou-me:

- Veja, tenho aqui, uma tábua nova, lisa e bonita. Todas as vezes que você desobedecer ou tiver uma ação indevida, espetarei um prego nela.

Pobre tábua! Em breve estava crivada de pregos! Mas, cada vez que eu ouvia meu pai batendo o martelo, sentia um aperto por dentro. Não era só a perda daquela tábua tão bonita, aquilo era, também, uma humilhação que eu mesmo me infringia.

Até que um dia, quando já havia pouco espaço para outros pregos, eu me compadecei da tábua e desejei de todo coração, vê-la nova, bonita e polida como era. Fui correndo fazer essa confissão ao meu pai e ele, fingindo ter pensado um pouco, me disse:

- Podemos tentar uma coisa. De cada vez que você se portar bem, em qualquer situação, eu arranco um prego. Vamos experimentar.

Os pregos foram desaparecendo até que, ao fim de certo tempo, não havia nenhum. Mas não fiquei contente. É que reparei que a tábua, embora não tivesse pregos, guardava as marcas deles.

Discuti isso com meu pai que me respondeu:

- É verdade, meu filho, os pregos desapareceram, porém as marcas nunca



poderão ser apagadas. Acontece o mesmo com o nosso coração. Cada má ação que praticarmos deixa nele uma feia marca. E mesmo que deixarmos de cometer a falta, a marca fica lá: é a culpa.

Nunca mais me esqueci daqueles pregos e da tábua lisa e polida, cuja beleza foi inapelavelmente destruída. E passei a tomar muito cuidado para que a sensação da culpa não marcasse daquela forma o meu coração. Essa experiência me fez pensar muito e estou certo de que, uma vida digna e bem vivida, poderá levar um coração, até o fim, a se manter livre de qualquer prego e das marcas consequentes...

“Teu filhinho terno e puro de face rósea a louça, será homem no futuro e vai ser pai amanhã”.  
(João de Deus)

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 27-29).



## 12- Respeitar os outros

Respeitar os outros é normal elevada para todos nós. Essa regra parte de um princípio de que Jesus, segundo o qual não devemos desejar para os outros o que não quisermos para nós mesmos. Porém, quando fazemos o bem, não devemos esperar recompensas; a Lei se encarrega disso, e nunca erra.

As condições dos seres humanos, as perseguições de uns para com os outros constituem falta de respeito mútuo, ocasionada pela predominância que o orgulho e o egoísmo exercem sobre os sentimentos. Para superares semelhantes conflitos, deves converter-te ao chamado do Amor, o qual, por misericórdia de Deus, vibra em toda parte: Céus e na Terra.

Cede, meu filho à educação. Quando possível, fala aos outros, com carinho. Tira da tua mente a violência no falar e mesmo no pensar. Entrega-te à brandura, que ela te acompanhará aos passos, com resultados maiores. Não deixes de dar o sorriso cristão aos que passam e que esperam por ti em cumprimento.

Quando mas damos, mas temos para dar. Nossas dádivas são tesouros, que crescem com as doações. São benções de Deus, multiplicando-se no exercício da caridade.

Jesus é o nosso caminho, por ter vindo à Terra para ensinar-nos a andar, com segurança. Jesus é a nossa Verdade, por ter-nos ensinado as leis que nos dirigem e nos sustentam. Jesus é a nossa Vida, por alimentar-nos, pelo hálito da Divindade.

Ele foi exemplo de respeito ao próximo, assegurando que devíamos, depois de amarmos a Deus, amarmos ao próximo como a nós mesmos. Essa é a síntese que revela a grandeza dos Seus ensinamentos e a excelssitude do Seu coração, para com todos nós.

Não podemos viver sozinhos. Se nos desertássemos dos companheiros, falta-nos- ia a própria vida, que se perpetua nas trocas indispensáveis, de uns para com os outros. Somos um rebanho, dirigido por um Pastor. Esse rebanho, para alcançara a felicidade, tem de estar unido, o que só é possível através das permutas recíprocas, alimentadas pelo Amor.

O jovem, se atencioso e respeitador, pode começar bem a vida. E o jovem espírita tem mais facilidade de viver corretamente, porque o Espiritismo lhe fornece meios de se educar, instruindo- se todos os dias, porque na velhice as



mudanças são mais difíceis.

Meu filho: se tua família se encontra integrada a fé espírita, da graças a Deus, para teres encontrados, dentro do teu lar, a afeição aprimorada da revelação cristã, o que te possibilita completar a sua formação de homem reto, de pessoa estimular do bem.

Desperta teus dons de servir bem e de compreender, com segurança; de perdoar, sem dúvidas e de amar a todos, sem distinção.

O aprimoramento deve ser o caminho de todos. A Doutrina Espírita é uma escola da espiritualidade, com filiais na Terra. Os que desencarnam, já sabendo os postulados doutrinários, ganham um tempo precioso, evitando muitos sofrimentos. Portanto, não desdenhes a tua atual oportunidade.

Começa, respeitando o próximo, respeitando as leis do teu país, os direitos dos animais, o meio ambiente, tudo, que a resposta da vida será favorável ao teu caminho.

(Scheilla, *Chão de Rosas...* p. 87 e 89).



### 13- As mudinhas

Eu era pequena ainda quando um novo bebê chegou à nossa casa. Certamente devia alegrar-me com o irmãozinho, porém os cuidados e atenções com que nossos pais o cercavam encheu-me de ciúmes e, muitas vezes chorava ao pensar que tinha perdido o carinho antigo.

Vovô cultivava uma horta nos fundos de nossa casa. Em certo dia em que eu estava mais envenenado de ciúmes do que nunca, ele me chamou. Fui ver o que queria. Estava de cócoras junto a um canteiro onde semeara alface. As mudinhas, de um verde muito terno, brilhavam à luz daquela manhã límpida e tranquila. Vovô mergulhado no trabalho de separar, delicadamente, as mudinhas, não parecia ter percebido a minha emoção. Ele me disse:

- Preste atenção! Estou separando as mudinhas e, depois irei planta-las no lugar certo. Sabe, filho, o carinho é como a alface: precisa ser dividido para crescer melhor. Quando eu era da sua idade gostava muito de minha mãe. Fiquei rapaz e, um dia, conheci uma jovem, casei-me com ela e tivemos um filhinho. Depois veio outro e outro. Mas, cada um que chagava não tirava nem um pouquinho do outro. O amor é uma coisa muito curiosa, quando mais é dividido, mais cresce e mais forte se torna. Seu pai e sua mãe estão ocupadíssimo com o bebê porque ele é pequenininho, frágil de desamparado. Mas pode crer que o amor que tinham por você ainda tornou maior...

À medida em que eu via os pés de alface crescendo, belos e exuberantes, uma nova alegria nasceu em meu coraçãozinho ciumento. O carinho de papai e mamãe, dividido, crescia também, a cada dia, como aquela planta que tivera de ser dividida para que uma muda não sufocasse a outra.

Muitas vezes, depois disso, quando me perturbava o desejo de posse exclusiva, o canteiro de vovô parecia se retratar em minha mente, dando-me uma nova perspectiva de paz e serenidade.

Quando mais dividido, mais forte e mais profundo se torna o amor. Nunca pude me esquecer disso...

(Wallace Leal V. Rodrigues, *E Para o resto da vida...* p. 23 e 24).



## 14- Começa a Luta

A luta começa cedo, nas hostes da juventude, e, em muitos casos, as pessoas que a cercam não percebem o que se passa na sua intimidade, principalmente das jovens em crescimento.

A mulher conserva o resguardo das suas emoções, como apanágio da natureza feminina. São os princípios da moral, que se irradiam na sua personalidade, e somente a mãe é capaz de vislumbrar alguns segredos que as filhas alimentam, na cidade do coração. Às mães, pois, compete ajudar as adolescentes, no campo emocional, de forma que o tempo possa solidificar os seus ideais, na sublime do Amor.

O lar é a primeira escola para o enobrecimento das aspirações. Se nesse lar falta harmonia, como buscar onde os filhos possam experimentar e sentir a segurança que devem vivenciar? É nesse sentido que falamos sobre o valor do Culto do Evangelho no Lar. Tal valor é extraordinário, no campo da sabedoria espiritual e na educação dos impulsos, traçando meios, mostrando diretrizes capazes de fortalecer a fé, revestindo os participantes da certeza do que deve ser buscado para a sua paz interna, combinando a inteligência como o coração resultando no Amor.

O Amor tudo pode. Ele é vencedor de todas as lutas, porque sabe condicionar seus poderes espirituais na flora divina da alma. Eis porque tantos lares com formação não deveriam esquecer o Culto do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, expressão do Seu Amor, de sorte a respirar – Lhe a atmosfera de luz. Ele é a força renovadora dos pensamentos, ensinando com formar ideias, dando diretrizes superiores às palavras.

É nesse sentido que falamos aos jovens, oferecendo-lhes o incentivo para começar as lutas, que se estendem por todo o imenso campo da alma.

Há milhões de anos que o espírito se empenhou em trabalhar, com muita luta, em prol das conquistas exteriores. Alguns já compreenderam que devem tomar outros rumos, não cessando as lidas, mas, modificando-as. Vêem que os inimigos estão mais próximos do que pensavam: eles moram dentro de nós, como instintos, inferiores, a torcerem as verdades espirituais, a turvarem as consciências, nas suas mais altas aspirações do Amor. E passam a batalhar consigo mesmos, em busca da verdade, de modo a se tornarem livres, como cidadãos universais.

Jovens, falamos – te para começarem cedo as tuas pelejas, a fim de que não percas a juventude em coisas vãs. Não isole as tuas faculdades de servir, não



alimentos ilusões. Que os teus sentimentos busquem, no quotidiano da vida, a felicidade, pelos processos naturais, que te são inspirados pelas leis divinas. Se, por acaso, não encontras no lar a segurança de que falamos e de que precisas, existem outros recursos: na amizade, nos livros bem orientados, na oração e, enfim, na confiança em Deus. Apela para Ele, que Jesus não te deixará sem resposta. Todos, sem exceção, temos nossos guias espirituais, mesmo nós, do plano do espírito. Ser - no - á dado o que pedimos com sinceridade e que imploramos com dignidade no coração. No entanto, não abandones o lar, quinhão sagrado, que sempre tem algo a que se pode aproveitar, na multiplicação dos talentos da vida. Basta saber seleccionar, na presença do Amor.

Jovem!!! Começa a luta, desejando o melhor. Ama a teus pais, que o amor verdadeiro é um multiplicador de conceitos elevados e é semente, cujos frutos a vida jamais se esquecerá de devolver a quem semeou.

Não reclames, por teres nascido nesse ou naquele lar. Estás onde o Senhor achou mais conveniente para o teu progresso. Luta aí, buscando o teu aprimoramento e fazendo a vida um cântico de fraternidade. Para os jovens é mais fácil o perdão, a alegria, e mesmo o amor. Esforça-te para essa conquista, que as mãos de Jesus nunca faltarão, em teu favor.

(Scheilla, *Chão de Rosas...* p. 49 - 52).